

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**NATALIE WONDRACEK**

**AS PRIMEIRAS PROFESSORAS E AS LEMBRANÇAS  
QUE SE TEM DELAS: a afetividade tecendo a relação entre  
professores e alunos**

**Porto Alegre  
1º Semestre  
2010**

**NATALIE WONDRACEK**

**AS PRIMEIRAS PROFESSORAS E AS LEMBRANÇAS  
QUE SE TEM DELAS: a afetividade tecendo a relação entre  
professores e alunos**

Trabalho de conclusão apresentado à  
Comissão de Graduação do Curso de  
Pedagogia-Licenciatura da Faculdade de  
Educação da Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, como requisito parcial e  
obrigatório para a obtenção do título de  
Licenciatura em Pedagogia.  
Orientadora: Profa. Dra. Darli Collares

**Porto Alegre  
1º Semestre  
2010**

**DEDICATÓRIA:**

Dedico este trabalho à Marina, por ter me mostrado a alegria que é ser professora. Sinto saudades do seu abraço e dos seus beijos melecados...

## **AGRADECIMENTOS:**

A Deus por ter estado comigo e a Jesus Cristo que venceu. Nada pode mudar essa verdade!

Aos meus pais amados Otocar e Cristiane, que a cada dia me incentivaram e motivaram a continuar, mesmo quando desanimei e pensei em desistir. Deram-me ânimo, apoio, motivação e esperança. Sem vocês, eu não conseguiria. Amo muito os dois.

Ao meu amor Rodrigo, fiel amigo e companheiro, pela compreensão, ajuda, consolo e apoio dedicado a mim incondicionalmente. Tudo fica melhor quando estou contigo! Te amo e vou te amar para sempre.

A querida professora e amiga Darli Collares, por seu olhar acolhedor e atencioso, por trilhar comigo este caminho e tornar este momento de conclusão de curso um momento prazeroso e cheio de boas lembranças.

As minhas amigas e futuras pedagogas Gabriela, Alessandra, Isabel, Manuela e Daniela por estarem comigo, compartilharem suas idéias e opiniões e juntas desfrutarem comigo deste momento. Aprendo muito com cada uma de vocês.

As minhas discípulas preciosas Thays, Manuela, Romi, Raquel, Letícia e Maria Eduarda por compreenderem minhas ausências, orarem por mim e serem essa alegria na minha vida.

Aos meus queridos discipuladores, que me tem amado e cuidado de mim, Samir e Lú, vocês foram muito importantes nessa caminhada. Obrigada pelo cuidado e dedicação de tanto tempo. Preciso muito de vocês!

A “minha” família Waldow, que acompanhou de perto estes quatro anos, e me recebeu com tanto amor em suas vidas e em sua casa. Tio Beto, tia Délia, Rafa e Bebê, muito obrigada por tudo! Amo muito vocês.

Aos meus primeiros professores, que me ensinaram, de maneira maravilhosa e acolhedora. As lembranças são muitas e guardo cada um com carinho nas minhas recordações.

E a todos os que de alguma maneira colaboraram com a composição deste trabalho, alunos, amigos e familiares que compartilharam de suas experiências e lembranças para que este trabalho se tornasse real. Muito obrigada.

Quero falar de afeto...  
Quero falar do vínculo com os alunos  
Quero falar das coisas que marcam,  
das situações que ficam na lembrança,  
das memórias que levamos.  
Quero falar aquilo que uns já disseram,  
que outros já discutiram,  
que muitos não querem enxergar e que alguns  
tentam ocultar...  
Quero falar de algo que não pode ser ignorado  
nas encruzilhadas do cotidiano escolar: O  
carinho, o acolhimento,  
O respeito, o cuidado,  
O amor, o abraço...

Quero falar de afeto...

*Natalie Wondracek*

## RESUMO

Este trabalho investiga a importância e as significações da afetividade na relação do professor com o aluno. Tem como objetivo analisar e refletir as lembranças e memórias que são narradas num contexto universitário, por futuros ou já professores que estão na graduação. Para realizar tal estudo, relembro um pouco da experiência de minha trajetória em sala de aula, contextualizando os motivos desta escolha e, em seguida, analiso questionários que realizei no período de março a maio de 2010, para construção de dados com alunos de licenciaturas e de pedagogia, da faculdade de educação, nos quais são descritas algumas de suas lembranças a respeito do começo de sua escolarização e das memórias com relação as suas primeiras professoras e, por fim, aquilo que desejam levar adiante, quando se trata de afeto, na relação com seus alunos. Este estudo se configura como uma pesquisa qualitativa que se utiliza de ferramentas de cunho etnográfico e utiliza os apontamentos teóricos de PIAGET(1954) e NAVARRO(2002). Por fim, analisa os relatos dos entrevistados enfocando a importância da afetividade no processo de escolarização e constituição dos sujeitos, e do efeito que as ações do professor sobre o aluno suscitam, uma vez que a maneira com que o professor lida com o aluno e expressa suas emoções, de modo acolhedor ou não, pode deixar marcas positivas e negativas que acompanharão o sujeito e poderão influenciar sua conduta e futuro desempenho escolar.

Palavras chave: Relação professor-aluno.Lembranças.Afetividade

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>6</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>Para início de conversa.....</b>	<b>10</b>
<b>MEUS CAMINHOS DE LEITURA.....</b>	<b>14</b>
<b>O que penso, alguns autores que li.....</b>	<b>14</b>
<b>MEUS CAMINHOS DE CONVERSAS.....</b>	<b>19</b>
<b>Por onde andei, com quem conversei sobre a afetividade.....</b>	<b>19</b>
<b>MEUS CAMINHOS DE ANÁLISE.....</b>	<b>25</b>
<b>Tecendo significados através das narrativas .....</b>	<b>25</b>
<b>ALGUNS APONTAMENTOS FINAIS: .....</b>	<b>33</b>
<b>Lembranças que marcam.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>37</b>

## INTRODUÇÃO

Quando olho pra trás, e lembro-me do início de minha escolarização, logo aparecem em minha memória momentos agradáveis, saudades de colegas e professoras importantes que marcaram minha trajetória. Foram inúmeras as situações de aprendizagem, muito bem aplicadas, numa escola exemplar quando se trata de acolhimento e atenção para com as necessidades do aluno. Lembro do nome de todas elas (das primeiras professoras), lembro-me dos cabelos, das roupas que vestiam, do tamanho que tinham, do sorriso e da voz de cada uma. Lembro-me que havia sempre um lugar para eu poder expressar-me, que meus “belíssimos” trabalhos eram sempre valorizados, que eu poderia pegar na mão delas e me sentir acolhida por seu carinho e cuidado. Lembro de tantas coisas, e sinto saudades.

Decidi também ser professora, e com as práticas pedagógicas pelas quais passei, enxerguei que de fato, o afeto é uma poderosa ferramenta na mão do professor, quando bem utilizada. Por isto, neste trabalho que conclui uma caminhada, e me projeta para muitas outras, ao findar deste curós de Pedagogia vou conversar comigo mesma, com outros alunos, também de licenciaturas como eu, através de um questionário a respeito das lembranças que eles trazem de suas primeiras professoras e o quanto valorizam a afetividade na sala de aula, articulando as escritas e refletindo juntamente com alguns autores a respeito do acolhimento e carinho na sala de aula.

Este trabalho é então composto por três partes, que descrevem o caminho que percorri. A primeira trás um pouco da minha trajetória, e como nasceu este sentimento por crianças, pela escola e pela docência. A segunda parte, descreve a pesquisa que fiz, alguns autores que me auxiliaram na compreensão do conceito de afetividade e da relação entre professor e aluno. Na terceira parte, aparecem os caminhos de análise, a partir dos dados



coletados nos questionários, com alguns significados sendo tecidos através das narrativas dos alunos de licenciaturas.

Por fim, concluo com alguns apontamentos finais, a partir das lembranças que me marcaram e das memórias que também marcaram outros, daquilo que foi significativo e é trazido como marca até hoje, positiva ou negativa a fim de que, junto com cada um dos futuros profissionais nas escolas, construamos escolas das quais nossos alunos também sintam saudades.

## **PARA INÍCIO DE CONVERSA, UM POUCO SOBRE MIM**

Sou a Natalie, estudante de pedagogia, amante das crianças, crente na educação, no ensino e aprendizagem, sedenta por respostas, decepcionada e emocionada, triste e feliz, buscando engajar teoria e prática, discurso e vida. Investigo neste trabalho a noção que se tem de afeto na relação entre o professor e o aluno no ambiente escolar.

Minha primeira experiência com crianças foi aos treze anos (quase uma criança ainda), quando comecei a participar de uma classe de seis e sete anos na igreja que frequento. De alguma forma, eu gostaria de cooperar com esse trabalho que é desenvolvido semanalmente junto às crianças. “Candidatei-me”, então, para ajudar e fui acolhida.

Falando um pouco do trabalho desenvolvido no contexto da igreja, gostaria de esclarecer que não há finalidade pedagógica nas classes dominicais, mas um ensino bíblico no qual contamos histórias ilustradas, cantamos algumas canções, brincamos e fazemos alguns ‘trabalhinhos’ relacionados com o que aprendemos no dia. Ali participamos de uma “equipe de tios” (como somos chamados pelos pais e pelas crianças) e vamos a retiros que ocorrem durante o ano, nos quais são atendidas as faixas etárias entre seis e onze anos.

Cinco anos após eu ter começado a participar das “aulinhas”, fiz um curso para formação de professores cristãos que teve a duração de um ano. O nome do curso é “APEC – Aliança Pró-Evangelização de Crianças”. Foi muito útil, pois aprendi muito. Foram dadas algumas dicas sobre planejar, algumas atividades que poderíamos fazer que se relacionavam com a faixa etária a qual atendíamos e algumas dinâmicas que poderíamos realizar.

Hoje, “minhas” primeiras crianças (da primeira turma que assumi) estão com 16, 17 e 18 anos. Ainda lembram-se de mim. Convivemos de perto e alguns deles estão maiores que eu. Tem sido uma experiência maravilhosa compartilhar com eles minha vida e a palavra de Deus.

Sendo conhecida desde a adolescência como “profe”, “tia” e amiga de muitas crianças, optei por seguir em frente esse caminho e escolhi a profissão de pedagoga. Iniciei o curso em 2006 e no segundo ano comecei um estágio

numa turma de educação infantil (maternal 1), numa escola da rede privada de Porto Alegre. Ainda não havia trabalhado na área (profissionalmente) e precisava conhecer e compreender essa faixa etária de crianças tão novinhas. Passei por alguns desafios e conflitos, comecei a entender um pouco mais as crianças pequenas e notei que logo elas me viam como uma referência, mesmo sendo auxiliar e, conseqüentemente, não a primeira e nem única referência que eles teriam. Foi um aprendizado muito grande conviver com aquelas crianças. Aprendi a trocar fralda, consolar choros de saudades, de tristeza e de dor depois de alguns tombos e machucados. Precisei conquistar a confiança de cada um deles, e também ganhei muitos beijos melados e abraços apertados.

Comecei a enxergar essa relação com o aluno de uma maneira tão próxima, tão afetiva, tão cheia de calor, contato e confiança. Foi uma experiência cheia de novidades, dúvidas, esforço, competência e reciprocidade. Foi um período de muito aprendizado, do qual sinto muitas saudades, e foi bom, bom demais.

Chegou, então, a etapa de cumprir o Estágio Curricular do Curso de Pedagogia e com ela novos e maiores desafios. Iniciei o estágio na segunda metade de 2009, numa escola da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul, em uma turma de terceiro ano, com 15 alunos. Ali começava algo totalmente diferente de tudo o que já havia vivido e visto durante o tempo que convivo com crianças. Essas eram diferentes dos pequenos no maternal e o vínculo que eu estabeleceria com elas também seria diferente.

Logo que cheguei, ouvi alguns palavrões, que não imaginava que eles saberiam e agressões verbais e físicas. Percebi uma indiferença com o bem estar uns dos outros e também com o meu bem estar. Eles haviam passado por algumas perdas, pois tinham tido o primeiro semestre de aulas com uma professora estagiária que foi embora em julho, passou-se um mês com a professora titular e em agosto eu cheguei. Fui muitíssimo testada por eles e no começo não compreendia que isso também se devia ao fato de que eles passavam por desafios para confiarem em alguém como referência para eles.

Foi, então, que comecei a pensar que precisaríamos passar os próximos meses juntos e que esse período teria que ser algo bom para eles e para mim (no mínimo precisaria ser confortável e suportável). Eu precisaria conquistar

meu espaço na sala de aula. Precisava ser vista como uma referência para eles e, portanto, teriam que confiar em mim. Também era necessária uma melhora no relacionamento entre os alunos com seus colegas. Foi, então, que decidi trabalhar “A Convivência e as diferenças”. O nome do meu projeto era “Convivência, aprendendo com nossas diferenças”. Eles necessitavam enxergar uns aos outros, compreender, aprender a importância do diálogo, do grupo e do bem estar do outro. Precisavam entender as diferenças como algo que os fizesse crescer e o respeito como algo essencial no bom funcionamento da aula (e na sociedade, como algo mais amplo).

Se na escola... pudéssemos acompanhar as crianças no começo do conhecimento de si mesmas e das demais, no reconhecer, no cuidar, e no respeitar as diferenças, outros modos de ser, de viver, de entender o mundo, já teríamos feito muito (Navarro, 2002, p. 27).

Comecei a rotina semanal realizando sempre uma conversa inicial nas segundas-feiras que era em rodinha. Fazíamos algumas dinâmicas de falar o nome de um colega e dizer uma boa característica dele, e, em seguida, o colega fazia com o seguinte e assim por diante. Nas primeiras tentativas as palavras que apareciam eram em sua maioria pejorativas e parecia que a proposta seria um desastre completo. Mas não desisti e com o tempo eles foram entendendo que cada um tem falhas e também acertos, características boas e ruins e assim começaram a aprender a enxergar e valorizar o outro.

Fazíamos muitas combinações e eu permitia que cada um que quisesse falar fosse ouvido e respeitado. Anotava as opiniões deles no quadro e elegíamos algumas delas para tomarmos nossas decisões. Construimos textos coletivos exercitando também a importância do grupo e daquilo que fazíamos juntos. Sorteamos diferentes formações de grupos e eles eram desafiados a conviver com colegas diferentes.

Houve momentos em que a bagunça, o desrespeito, os gritos e as brigas tornaram-se quase insuportáveis. Percebi a necessidade que eles tinham de limites, para saberem como agir e para se sentirem seguros no seu espaço.

A colocação de limites, no sentido restritivo do termo, faz parte da educação, do processo civilizador e, portanto, a ausência total dessa prática pode gerar uma crise de valores, uma volta ao estado selvagem, em que vale a lei do mais forte (La Taille, 1999, p.53).

Entendo que há em que os alunos, realmente, precisam perceber o ambiente escolar como um espaço de comportamento, respeito, regras, combinações e limites. Ao mesmo tempo, queria que aquele espaço fosse um lugar para a alegria e espontaneidade, para que se sentissem valorizados e importantes e para que aprendessem a conviver uns com os outros.

O período de estágio foi um desafio desde o primeiro momento, desde quando apenas estava fazendo as observações, até o último dia. Enfrentei muitos medos, inseguranças, precisei lidar com a ansiedade, com a falta de aceitação inicial da parte dos alunos e precisei encarar uma realidade muitas vezes triste e injusta na qual as crianças estão inseridas.

Os desafios me ajudaram a crescer e a ver para além dos problemas de comportamento. Enxerguei contextos de vida difíceis, infâncias interrompidas, crianças, muitas vezes, sozinhas, marcadas e carentes, necessitando de um espaço em que pudessem ser crianças, em que suas qualidades e pontos fortes pudessem ser valorizados e no qual pudessem falar e ser ouvidas, orientadas e cuidadas.

Senti falta da manifestação de afeto, de abraço e de apego, o que me levou a refletir sobre como se dá a relação do professor com o aluno nas séries iniciais e qual a importância da figura do professor como referência para o aluno, qual o espaço para o carinho e quais os distanciamentos necessários para uma sala de aula em que todos sejam enxergados e compreendidos assim como estabelecer limites de modo que os alunos não se sintam aprisionados, mas protegidos e respeitados.

## **MEUS CAMINHOS DE LEITURA: O QUE PENSO E ALGUNS AUTORES QUE LI**

### **Pensando a relação professor-aluno.**

A sala de aula é um lugar de inevitáveis relações. A escola, desde bem cedo coloca o aluno diante de situações que devem ser enfrentadas. Coloca o bebê ao lado de outros bebês que tem as mesmas necessidades, que desejam o colo, a atenção e o carinho da professora. Coloca a criança extrovertida e falante ao lado de outra quieta e tímida. A sala de aula reúne, num mesmo tempo e espaço o menino brigão, quem não gosta de futebol, quem é criado pela avó, quem tem síndrome de down, quem tem problemas de visão, quem é atento, quem é desatento. Nessa sala, todos precisam das mesmas coisas: atenção, compreensão, aprendizado e afeto.

O professor expressa seriedade, algumas vezes, se mostra cansado e desiludido no exercício da profissão. Faz o que pode para oferecer aos alunos o melhor no que diz respeito às aprendizagens científicas, testando e medindo sua eficiência em avaliações, treinando, assim, os alunos para que saibam responder as questões com técnica e habilidade. O aluno, por sua vez, entende que se não é aprovado nas provas é porque não estuda e não presta atenção de modo suficiente, ou por sua incapacidade de aprender os conteúdos propostos, relacionando seu comportamento com as dificuldades de aprendizagem.

As crianças vão crescendo e se identificando cada vez menos com o professor e com a escola, desejando cada vez mais que o recreio e a hora da saída cheguem, esperando ansiosamente o ano terminar e elas passarem para a próxima série, e para a seguinte até que, finalmente, se verão livres daquele ambiente.

Pensando, observando e percebendo o distanciamento que se torna cada vez maior entre o professor e o aluno e utilizando a experiência que tive com uma turma de maternal - onde o abraço, o colo e o carinho são presentes

diariamente, na educação infantil - e um terceiro ano – no qual pouco carinho o professor e o aluno demonstram, sem toques e abraços - percebo que é papel do professor manter esta relação estreita, mesmo quando as crianças crescem e as necessidades físicas do aluno (como ser ajudado para comer, ir ao banheiro, amarrar os tênis) não são mais o maior elo entre um e outro.

É certo que esse vínculo não se estabelece naturalmente pois não há entre o aluno e o professor nenhuma ligação sanguínea, familiar nem de amizade (na maioria dos casos) e a escola é uma instituição onde se ensinam valores, regras de convivência, limites além de todos os conhecimentos que são ali sistematizados e trabalhados. A criança desde bem cedo é deixada ali por sua família e a responsabilidade de educar acaba sendo, muitas vezes, mais da escola e do professor do que de qualquer outra instância social.

Ocorre que, de certa maneira, o papel de educar é depositado quase que por completo na escola. Além de tudo, sabendo que vivemos num mundo competitivo, precisamos ensinar às crianças os valores que vão em direção contrária aquilo que elas veem na televisão, que a moda, as novelas e filmes mostram e o que os partidos políticos prometem. Elas precisam aprender a enxergar muitas coisas. O professor precisa ensinar todas elas e, muitas vezes, aquilo que é fundamental e que dá significado a tudo que é ensinado acaba ficando de lado: o afeto, a conversa, a troca e a alegria.

Mas como unir valores fundamentais na formação dos sujeitos e ao mesmo tempo dar conta de todos os outros conhecimentos que a escola precisa ensinar? Como desenvolver responsabilidades sem deixar de lado nenhum destes deveres? Não tenho respostas para estas perguntas, mas elas insistem em me inquietar.

O professor precisa planejar seu trabalho vinculando o fazer pedagógico com as necessidades que a criança a ser atendida apresenta. Não pode esquecer que o objetivo maior do seu trabalho deve ser focalizado no aluno e naquilo que lhe diz respeito. Conhecer o aluno é de extrema importância para conseguir interagir com ele.

## **Pensando sobre a importância do afeto...**

Ao refletir sobre a questão do afeto na sala de aula, considero fundamental, primeiramente, esclarecer o significado da palavra e o sentido que gostaria de deixar claro neste texto. Segundo o dicionário Aurélio<sup>1</sup> afeto é “disposição de alma, sentimento. / Amizade, simpatia: Psicologia: Aquilo que age sobre um ser: a sensação é um afeto elementar”. E afetividade é conjunto dos fenômenos afetivos (tendências, emoções, sentimentos, paixões etc.). / Força constituída por esses fenômenos, no íntimo de um caráter individual”.

Estas definições se fazem necessárias, pois é a partir do afeto que vou apoiar minhas reflexões e considerações a respeito da constituição da relação do professor com o aluno, do aluno com o professor e das marcas que ficam em ambos.

A afetividade está presente, mesmo quando não a compreendemos, em todas as relações humanas. Nos vínculos que se estabelecem na sala de aula, é de extrema importância que o professor se perceba como referência para o aluno, que entenda que suas atitudes e palavras são por eles vistas, imitadas e que podem causar marcas que acompanharão o sujeito em sua trajetória. Conforme Fortuna (2002, p. 95), “seria necessário que os educadores se oferecessem como referência aos seus alunos, o que implica que eles mesmos se avaliem como tal”. O aluno precisa mais do que disciplina, matérias bem trabalhadas e aulas cheias de criatividade e novidades que o desenvolvam como sujeito crítico. O aluno precisa se sentir tocado, compreendido, aceito, cuidado.

Certamente a sala de aula não se resume ao cuidado e às demonstrações de carinho, mas o afeto, acompanhando todas estas outras coisas, poderá capacitar o desenvolvimento do sujeito.

Em nossas sociedades atuais privilegia-se o conhecimento científico e suas aplicações- as tecnologias. No outro pólo-e postas num plano secundário-, estão as humanidades, isto é, os estudos (que incluem a filosofia, a literatura e as demais artes) que visam compreender o ser humano e seus sentimentos, emoções e subjetividade. A tecnociência busca a clareza da explicação. As humanidades buscam a sutileza da compreensão. Ambas, quando isoladas, são necessárias mas insuficientes para compreender e

---

<sup>1</sup> (Consulta Online: BARROSO, M. E. G. - *Dicionário Aurélio Eletrônico* - V. 1. 3, Editora Nova Fronteira, 1994)



explicar a complexidade da vida e das sociedades humanas. Quando elas se complementam, tornam-se necessárias e bastantes. (Revista Acolhimento: o Pensar, o Fazer, o Viver. Secretaria Municipal da Saúde, São Paulo, 2002, pg. 16)

Ocorre que, durante o exercício da docência, somada à rotina habitualmente corrida e cansativa, o professor tende a abandonar a sensibilidade no trato com os alunos, estabelecendo limites que, quando transpostos, acabam por gerar atritos. O aluno que, por exemplo, leva mais tempo para compreender as regras e as combinações se torna um problema para o docente e aquele lugar, que é a sala de aula, o ambiente em que o aluno deveria ter o espaço para se desenvolver socialmente, acaba sendo um lugar de exclusão e de afirmação de suas debilidades. O afeto assume, assim, outra perspectiva e promove o afastamento dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Se acreditamos que a escola pode promover novas formas de estar na sociedade, em conjunto a uma construção do conhecimento e do saber, é de grande valia que o professor saiba unir e compartilhar os conhecimentos a serem desenvolvidos com uma convivência de afeto em que se construam estruturas emocionais e vínculos, os quais poderão manter a esperança e a expectativa de serem formados sujeitos preparados para agirem na sociedade.

Outra questão é a de autoridade, da figura do docente na sala de aula:

A tentativa de aliar posturas como rigorosidade (não rigidez) com generosidade pode produzir algumas mudanças, redimensionando as relações tão assimétricas que envolvem professores e alunos no âmbito escolar, sem, com isso, dissolver a diferença necessária dos lugares e posições, tanto em termos de vivências e aprendizagens, quanto em termos de tempo e espaços a serem ocupados na relação pedagógica (Fortuna. op.cit., p 77).

É muito importante que nesse vínculo professor e aluno, fique bem claro para ambos a fronteira do que compete ao mundo adulto e do que compete ao mundo das crianças. Dar liberdade e autonomia não significa colocar o aluno no lugar do professor, a criança do lugar do adulto, mas com firmeza, seriedade e cuidado, ensinar o que lhes compete para desempenharem seus papéis na escola, em casa e na sociedade.

O que considero de maior relevância, o que dá realmente força e sentido à ação do professor está na relação que ele estabelece com os alunos e na qual a afetividade se efetiva de forma positiva. De fato, esta “boa” relação

acarretará num bom desempenho escolar e num melhor desenvolvimento dos conteúdos que a escola oferece, tornando prazeroso o espaço da sala de aula e as atividades que serão por ele propostas.

## MEUS CAMINHOS DE CONVERSAS:

Por onde andei, com quem conversei sobre a afetividade...

### Explicando a pesquisa.

A pesquisa realizada neste trabalho é de base qualitativa, utiliza-se da etnografia como apoio para a construção da dissertação, na medida em que busca-se compreender o objeto de pesquisa a partir das falas dos sujeitos diretamente envolvidos em sua constituição:

De facto, a etnografia da educação, sobretudo por recusar qualquer possibilidade de arranjo de natureza experimental, e por, ao invés, estudar os sujeitos nos seus ambientes naturais, pode constituir uma ferramenta poderosíssima para a compreensão desses intensos e complexos diálogos inter-subjectivos que são as praticas pedagógicas. Um diálogo inter-subjectivo, o que decorre entre os actores que povoam um contexto escolar, e narrado “de dentro”, como se fosse por alguém que se torna também actor para falar como um deles (Fino, 2010, p. 4).

No decorrer de minhas leituras e reflexões, surgiu a curiosidade – e necessidade – de saber **como os estudantes de cursos de licenciatura, como eu, pensavam sobre o assunto e que lembranças eles guardavam de suas primeiras professoras**. Como material de análise, as respostas de questionários, a partir das informações a respeito de experiências e memórias relatadas nas narrativas dos entrevistados, compõem meu universo de pesquisa. Foram realizados questionários com 78 alunos de graduação, matriculados em três turmas de disciplinas dos cursos de licenciatura em Pedagogia e em outras Licenciaturas (duas de pedagogia – uma do primeiro e outra do quarto semestre - e uma de licenciaturas, de diversos semestres e cursos). Alunos esses que serão ou já são professores. Ocorreram dois encontros com cada turma entrevistada.

No primeiro encontro foi explicada a proposta do meu trabalho e no segundo, aplicado o questionário. Foi comentado o trabalho de conclusão do curso, como era feito, como se dava a escolha da temática e do professor orientador; quais as possibilidades que existem para a escolha do tipo de trabalho a ser feito e quais os passos que podemos dar quando se dá início ao trabalho de conclusão. Num segundo momento, foi comentado o que havia sido escolhido e os porquês dessa escolha. Foi colocado, em especial, o

questionamento sobre o que é ensinado aos alunos/ futuros-professores a respeito da afetividade na sala de aula, e de como eram importantes as lembranças que carregamos sobre o início de nossa escolarização.

Alguns alunos demonstraram um grande acolhimento em responder aos meus levantamentos, reafirmando a importância dada à figura dos primeiros professores, trazendo comentários tais como: “Eu me lembro que a minha primeira professora era canhota então eu também tentava escrever com a mão esquerda e não conseguia.” Ou: “Eu ainda me lembro do cheiro da minha professora. Quando passa alguém na rua com o mesmo perfume que ela usava eu reconheço direitinho.” Entre outras colaborações.

Na semana seguinte, quando retornei, os alunos assinaram o termo de consentimento - após um breve momento no qual foram lembrados da minha pesquisa e temática - e responderam as questões. Fiz três perguntas e pedi que elas fossem respondidas da maneira mais “livre” possível. As questões aplicadas foram estas:

1- Que lembranças você tem da relação com suas/seus primeiras/os professoras/es?

Especificar situações/momentos/falas que marcaram e que estão ainda presentes nas lembranças, positivas ou negativas, do começo de sua escolarização.

2- Você acha que a universidade tem dado espaço para refletir a respeito do afeto na relação com os alunos?

3- O que você considera de fundamental importância para levar adiante na relação com seus alunos? Abordar as questões de afeto, carinho e acolhimento. (Se já é professor(a), pode falar do que já perpassa sua prática atualmente).

Após ter aplicado o questionário nessas três turmas, li as respostas, encontrei recorrências nas afirmações quanto ao afeto, a importância que é dada a ele no âmbito universitário e o que os alunos trazem em suas narrativas a respeito de suas lembranças.

O trabalho, portanto, é constituído da pesquisa e da análise das questões, juntamente com o referencial teórico e leituras que abordam o tema da afetividade, articulando teoricamente a presença dessa na sala de aula e no desenvolvimento das crianças, das vivências e experiências compartilhadas e da importância da figura do professor como responsável e facilitador da constituição do sujeito-aluno.

## **COMO FORAM OS ENCONTROS E AS CONVERSAS:**

### **Explicando os momentos de contato e as intervenções dos pesquisados**

#### **Primeiras situações: o encontro com as turmas da pesquisa:**

##### **SITUAÇÃO 1 :**

Meu primeiro contato com a turma de primeiro semestre do curso de Pedagogia que será entrevistada foi numa terça (dia 04/05/2010). A professora da turma abriu o espaço para que eu apresentasse a mim e a minha pesquisa. Conversei, então, com os alunos a respeito do semestre em que realizamos o trabalho de conclusão de curso. Expliquei como se dava a escolha da temática, a procura do professor orientador, os encontros e também como seria realizada a minha pesquisa, destacando a importância da colaboração do grupo.

Apresentei, então, minha proposta, comentei o que me levou a pensar sobre a relação do professor com o aluno, tornando conhecidas a elas minhas experiências. Expus o que penso a respeito da importância da afetividade e das lembranças que carregamos, que de alguma maneira nos marcam e nos constituem e enfatizei que o que gostaria mesmo de saber era o que eles tinham nas suas memórias, de forma simples, quando lembram do começo da sua experiência escolar e também aquilo que desejam para suas práticas futuras (ou presentes).

Eles concordaram em responder as questões que, futuramente, eu aplicaria e mostraram uma certa “aprovação” a respeito da escolha do meu tema. Uma aluna logo comentou que nas suas duas primeiras semanas de aula, ela tinha muita saudade de casa e dos seus pais e lembra que a professora a levava durante o recreio pra ficarem juntas, na sala dos professores, fazendo o lanche e conversando. Isso, de alguma maneira, abriu caminhos para que ela começasse a gostar da escola, sentindo-se segura e acolhida ali. Outra aluna – do quarto semestre, mas que faz a disciplina com o grupo de calouros – comentou da semana de observações que havia realizado e das cartinhas com as quais os alunos a surpreenderam, no final da semana, e no quanto aquilo deu, de certa forma, alegria para voltar lá na semana de prática.

Dentre outros comentários, esses foram muito bem vindos, pois vieram ao encontro daquilo que quero ressaltar neste trabalho. Foi muito interessante estar com os alunos do primeiro semestre. Percebi uma esperança e ânimo que parecem se desgastar no percorrer do curso.

### **SITUAÇÃO 2:**

Meu primeiro contato com a turma de outras licenciaturas (de diversos cursos e semestres, entre os quais teatro, matemática, letras, artes, etc) foi na mesma terça-feira (04/05/2010) à noite. Essa aula tinha menos tempo, apenas dois períodos, então, o espaço concedido a mim foi menor e precisei ser bastante sucinta na minha proposta. Contei, então, que estava no semestre do trabalho de conclusão, sendo orientada pela professora que ministrava aquela disciplina e que ela havia concedido aquele espaço para conversar com eles e, se eles consentissem, aplicar um questionário.

Falei, então, da minha temática e da importância da relação do professor com o aluno, das lembranças que trazemos dessa relação e do afeto que perpassa essa prática. Expliquei que as respostas deles manteriam viva minha pesquisa e trariam mais subsídios para argumentar sobre esse tema. Fui bem recebida e eles também concordaram em responder as questões. Um aluno comentou que lembra até hoje do cheiro do perfume de sua primeira professora, tal como o seu corte de cabelo. Outro aluno lembrou que sua professora era canhota e escrevia no quadro com a mão esquerda e ele queria saber escrever como a professora, comentando, com isso, a importância da figura do professor como referência para o aluno.

### **SITUAÇÃO 3:**

Meu primeiro contato com a turma de quarto semestre do curso de pedagogia foi numa quarta-feira (dia 05/05/2010) pela manhã. Como fiz nas duas vezes anteriores, também ali expliquei minha temática, a importância da cooperação delas – a turma era formada apenas por mulheres – e a solicitação de seu consentimento. Diferente das outras duas turmas, esta ateu-se ao trabalho de conclusão. Fizeram muitas perguntas a respeito de como era feita a escolha do tema, quem deveriam procurar, quantas páginas o TCC precisava ter, como começar a escrever, se as pesquisas eram obrigatórias, entre muitas

outras curiosidades. Ficamos quase uma hora conversando sobre isto. Foi bastante interessante este momento de troca, para mim particularmente, foi muito produtivo. Elas também concordaram em responder as perguntas.

### **Novas situações: no reencontro, a aplicação dos questionários**

Conforme havíamos combinado, se todos concordassem, eu voltaria com as questões e com o termo de consentimento para que as turmas respondessem ao questionário e assinassem o seu consentimento. Então, retornei às turmas e quando me foi concedido o espaço, entreguei aos alunos o termo e as questões (em anexo). Fiz a leitura com eles e me dispus a esclarecer qualquer dúvida. Expressei minha gratidão pela disposição de seu tempo de aula para colaborar com minha pesquisa. Salientei que não havia a necessidade de fazerem nenhuma costura teórica caso não quisessem, mas que colocassem suas lembranças da maneira e nas palavras que desejassem. Alguns alunos não quiseram responder, mas a maioria o fez. Após alguns minutos (20min.) recebi as respostas.



## MEUS CAMINHOS DE ANÁLISE:

### Tecendo significados através das narrativas

Para tornar vivo o meu estudo a respeito da afetividade, pesquisei as significações dadas às ações do professor, lembradas e narradas por, hoje, universitários, daquilo que ainda está presente em suas memórias e o que trazem até hoje quando relembram seus primeiros anos de escolarização e os sujeitos envolvidos nela. Perguntei se, no curso em que estão, as discussões propostas trazem reflexões a respeito do afeto na sala de aula. Também considerei importante saber o que pensam quando se trata do afeto, a importância que dão para ele e o que pretendem levar adiante em suas futuras práticas, agora ocupando o lugar docente.

Em um universo de setenta e oito questionários respondidos, foram selecionadas dez respostas de cada uma das três questões para focar os aspectos levantados. Utilizou-se, como critério de escolha, o desenvolvimento da ideia, ou seja, as lembranças que foram narradas com riqueza de detalhes, fornecendo elementos de análise do conteúdo das referidas questões.

#### A primeira questão era:

1- Que lembranças você tem da relação com suas/seus primeiras/os professoras/es? Especificar situações/momentos/falas que marcaram e que estão ainda presentes nas lembranças, positivas ou negativas, do começo de sua escolarização.

Nessa questão, das respostas selecionadas, separei em duas categorias as narrativas:

Lembranças agradáveis (atenção, colo, proximidade, compreensão, paciência ao ensinar, cuidado, respeito, etc...)

Lembranças desagradáveis (exposição pública, distanciamento, falta de consideração e respeito, castigos, etc...)

Quando propus aos alunos que me respondessem quais as lembranças que guardavam na memória sobre situações, momentos e falas que eles traziam do começo de sua escolarização com respeito aos seus primeiros professores, eu estava justamente buscando realizar um levantamento de situações que fossem importantes e lembradas por eles, sendo estas negativas ou positivas. No primeiro critério, destaco as lembranças agradáveis que surgiram. Para torná-las visíveis, transcreverei três respostas aqui:

1ª – “Lembro que minha primeira professora na pré-escola se chamava Mônica, eu achava ela linda e queria ser como ela. Lembro também que ela gostava muito de mim e designava alguns papéis a mim, como por exemplo, cuidar da turma enquanto ela saía da sala de aula.” P4 (Pedagogia 4º semestre)

2ª – “Eu adorava minha professora da primeira série. Eu sempre ia buscá-la na sala dos professores. Eu e minhas colegas disputávamos por seus materiais, queríamos carregá-los até a sala de aula. A professora costumava, em algum momento da tarde, chamar um aluno ou dois para sua mesa. Ali ela dava mais atenção, deixava mexer nas coisas dela (seu caderno e canetas). Uma vez ela me ensinou a ver as horas em seu relógio. Ela sempre dava um colinho nessa hora em que nos chamava até sua mesa. Ela era atenciosa nas brincadeiras e em todas as atividades de sala de aula.” P4 (Pedagogia 4º semestre)

3ª – “A minha professora da segunda série foi muito presente na minha vida me auxiliando num momento muito difícil: quando minha avó faleceu num dia de passeio escolar, até colinho eu ganhei.” P1 (Pedagogia 1º semestre)

Nas questões acima transcritas, podemos perceber a fundamental importância da atitude do professor quando faz o aluno se sentir acolhido. Em um outro questionário um aluno respondeu que “tenho muitas boas lembranças das minhas primeiras professoras (de 1ª a 3ª série). Foi nesse período que identifiquei a presença de afeto, carinho, cuidado, preocupação e talvez isso justifique as lembranças boas que eu tive.”

Há uma relação, relatada pelos pesquisados, entre as aprendizagens que obtiveram à maneira com que o professor lidava com eles. Segundo PIAGET (2005) nos diz que as emoções e as cognições são funções diferentes mas indissociáveis e que é impossível analisar os comportamentos unicamente pela afetividade ou unicamente pela inteligência.

Também foram destacados pelos alunos pesquisados, momentos em que os professores lhes designavam papéis importantes e que demonstravam alguma vinculação entre ambos. Como exemplos destaco os relatos de quando eram chamados para ajudarem ou para se aproximarem da mesa do professor, mesmo que fosse para uma curta conversa, um colo, uma aprendizagem que ocorreria destinada somente a ele (como a aluna que aprendeu a olhar as horas num momento que conversava com a professora), ou mesmo o colo que a menina, quando perdeu a avó, recebeu.

Num outro questionário, de uma aluna, apareceu como resposta a atenção e o carinho que “só com um olhar nós percebíamos”, lembrando da maneira com que a professora tratava a turma, contando histórias na hora do conto, tornando-se a maior lembrança que ela carrega a respeito do começo de sua escolarização.

Percebi que, na maioria dos questionários, as situações marcantes e agradáveis que foram narradas tem uma recorrência: a atitude do professor, seja num momento de dor, perda, ou numa prática que demonstra carinho e cuidado. Não são destacadas situações que tratassem de um “bom” domínio de conteúdo, nem de uma riqueza de materiais e recursos, mas em muitos

momentos são trazidas situações de acolhimento e dedicação demonstrada por parte do docente.

Já nas lembranças desagradáveis, surgem narrativas de exposições públicas de algum “fracasso” ou de falta de respeito no tratamento com os alunos, por parte dos professores. Transcrevo aqui alguns exemplos:

1ª - “Lembro muito de uma professora na 2ª série que entregou a minha prova de matemática anunciando para a turma toda que eu havia tirado nota 0. Sinto que até hoje a matemática me atormenta e isso pode ter sido significativo por esse fato.”

2ª - “Na terceira série eu tive uma professora que nem eu nem os outros colegas gostávamos muito. Um dia ela rasgou um trabalho de um colega meu, eu achei isso horrível e me assustei muito.”

3ª – “Quando penso nas lembranças dos primeiros professores infelizmente me recordo de acontecimentos negativos da 1ª série. Os fatos mais marcantes foram os castigos dados pela professora a dois colegas mais bagunceiros. Ela colocou-os em pé, em cima de duas classes e baixou suas calças na frente do restante da turma, deixando-os nus. Em outro momento ela pegou um desses meninos e colocou-o em um tanque de lavar as mãos, mas colocou de corpo inteiro dentro do tanque, e o molhou, por ser muito bagunceiro. Outra vez, perto da época de vacinação, onde a escola leva as crianças até o posto de saúde, ela mostrou para a turma uma injeção de gado, deixando-nos entender que seria para nós.”

Nas situações acima narradas, aparecem marcas negativas deixadas pelos professores. A estima dedicada a um aluno que vai mal na prova, através de uma conversa, ou num momento público de divulgação dos resultados pode constituir uma marca que acompanhará o sujeito em toda sua trajetória escolar e possivelmente fora dela, bloqueando algumas estruturas cognitivas e desencadeando maiores dificuldades no aprendizado.

Os castigos e punições podem frustrar e causar uma baixa na auto-estima do aluno, gerando medos, incertezas e inseguranças e também uma exposição pública do espaço que é só seu: seu corpo. O professor assume um

papel que é exatamente o contrário daquilo que ele deveria assumir, impedindo ou até mesmo bloqueando estruturas emocionais que são de extrema importância para o aprendizado e o convívio do aluno.

Quando li a resposta em que é relatada a situação da exposição da nota do aluno lembrei-me também de diversas situações em que minhas notas, e até meus conceitos foram expostos publicamente e me perguntei o por que disto. Por que será que os professores anunciam para todos, em qual medida cada um dos alunos se encontra, partindo dos seus mecanismos de poder e julgamento? Onde fica o direito de cada um preservar para si, e contar para quem quiser o quanto foi bem ou mal numa avaliação?

O aluno deve ter o direito de preservar sua intimidade e decidir aquilo que os outros poderão saber ou não. Muitas vezes este espaço lhe é tirado na escola, quando todos sabem quem são os bons alunos, quem são os preferidos e quem são os mais fracos e com menos capacidades. A posição do professor é fundamental para que o aluno construa de si mesmo uma imagem em que acredite que pode superar suas dificuldades e não uma marca em que ele, e os outros, desacreditem no potencial que tem (La Taille, 2003).

A segunda questão era:

2- Você acha que a universidade tem dado espaço para refletir a respeito do afeto na relação com os alunos?

Nesta questão, eu desejava saber se os alunos identificavam a presença do afeto nas discussões nas aulas, propostas pelos professores a respeito da prática com os alunos, em sala de aula, na escola. Alguns alunos responderam que sim, outros que não, e alguns ainda, significaram a resposta relacionando-a com a presença-ausência de afeto entre eles mesmos e os professores da universidade. Transcrevo aqui algumas respostas:

1ª – “Em algumas cadeiras nos dizem para não nos apegarmos muito às crianças, mas falar e refletir sobre o afeto não acontece.”

3ª – “Muito pouco. A maioria dos professores se concentra mais nos problemas que iremos encontrar e não comentam nada sobre o assunto.”

4ª – “Alguns professores, na prática particular em sala, ainda reforçam esta importância, mas a universidade como ela está organizada não!”

5ª – “Não, a universidade não prepara para diversas coisas que são fundamentais no relacionamento com as pessoas. Essa é a primeira vez que reflito sobre isso.”

Nas questões transcritas podemos ver algumas interfaces no que diz respeito a afetividade e ao espaço que é dedicado a ela nas discussões que se fazem presentes no contexto universitário. É importante ressaltar que a pesquisa foi realizada com alunos futuros professores, que estarão em sua maioria, lecionando em salas de aula com crianças.

Muitas vezes, o professor é preparado para chegar em sala de aula administrando bem o seu tempo, oferecendo atividades e conteúdos e, inclusive, sabendo lidar com problemas de aprendizagem sem, contudo, entender a necessidade de uma prática que dedique tempo e espaço para o carinho, a atenção e o acolhimento. Alguns alunos ressaltam isso quando afirmam não achar necessária a discussão sobre o assunto, ou quando dizem que a sala de aula não é um ambiente adequado para isto.

Outra resposta que considerei interessante foi a de um dos questionários, na qual o pesquisado traz sua resposta relacionando-a com a prática dos professores da universidade mesmo, dizendo que a maneira com que ela está organizada não deixa aberto o espaço para uma relação de afeto entre docentes e discentes. Concordo com esta afirmação apesar de não esperar que ela aparecesse e lembro-me da ideia do professor como referência, que, muitas vezes, desejamos ser, mas não encontramos no nosso percurso de formação. Professores que se ofereçam para serem referências

para nós (não refiro-me a totalidade, pois, alguns são bons exemplos de uma prática permeada por afeto e acolhimento).

A terceira questão era:

3- O que você considera de fundamental importância para levar adiante na relação com seus alunos? Abordar as questões de afeto, carinho e acolhimento. (Se já é professor(a), pode falar do que já perpassa sua prática atualmente).

Nesta questão, eu gostaria de saber o que os alunos, depois de terem falado de suas lembranças e das reflexões feitas na universidade a respeito da prática do professor em sala de aula, consideravam de fundamental para levarem adiante na relação com seus alunos no que diz respeito ao afeto, carinho e acolhimento. Minha intenção era de que os alunos discorressem sobre a dimensão do afeto e dos sentimentos, de forma livre, a serem expressos e vivenciados na escola. Surgiram diferentes e interessantes respostas nesta questão. A seguir, transcrevo algumas delas:

1ª - “Acredito que existem duas coisas fundamentais na relação entre o aluno e o professor: Afeto e limites.”

2ª – “Considero fundamental que o aluno se sinta amparado pelo professor, que entenda que na escola, sua referência é o professor. Acredito numa relação de confiança entre o professor e o aluno.”

3ª - “Tenho plena certeza que relações de afeto, carinho e acolhimento são primordiais em qualquer fase escolar, do pré até a universidade.”

4ª - Defendo que em qualquer situação escolar, onde o afeto, carinho e acolhimento forem reguladores das relações, possivelmente, se crie um ambiente adequado para a construção do conhecimento, visto que o objetivo da escola é tornar o ser humano apto a refletir e agir na sociedade através das relações sociais e do conhecimento.”

Escolhi estas respostas com o objetivo de pensar sobre a importância de dar espaço para as emoções na sala de aula. É extremamente necessário que o professor reconheça isto. É, na escola que vários acontecimentos marcantes irão ocorrer. É para lá que as crianças irão no dia em que seu bichinho de estimação morrer, descobrirem que seu pai foi transferido para trabalhar em outra cidade ou que seus pais não tem dinheiro para comprar alimento para a família, o frio chegar e não tiverem agasalho, enfim, é lá que elas poderão descobrir a força do acolhimento e a alegria de realizar, pela primeira vez, uma operação matemática ou uma produção textual.

Sabe-se que nos currículos das escolas atualmente, o desenvolvimento cognitivo é desvinculado da afetividade. A escola tem um formato conteudista onde há pouco lugar para o afeto. Quando consideramos o aspecto do desenvolvimento intelectual do aluno não podemos ignorar o aspecto afetivo. São estruturas que não podem ser desvinculadas umas das outras, pois são ambas interfaces do desenvolvimento do ser humano, da pessoa por completo.



## **ALGUNS APONTAMENTOS FINAIS**

### **Lembranças que marcam**

Minha curta trajetória em sala de aula, as conversas e a busca de dados a serem levantados para este trabalho aliados aos questionamentos e reflexões aqui expressos, me instigaram e continuam me inquietando na procura de uma prática docente que relacione a afetividade e a aprendizagem, considerando ambos como fatores indissociáveis e que andam juntos, em equilíbrio. Acredito que o planejamento do professor, se permeado por afeto, pode tornar a sala de aula um espaço em que o ensino se torne mais agradável e significativo, onde haja incentivo e busca por novos caminhos.

Cabe ao professor, o papel de orientar, alertar, ampliar e apontar novas direções, quando aquelas primeiras apontadas já não servirem mais ante a realidade em que os alunos se encontram. Como referência, precisa tornar o conhecimento “alcançável” a todos, desenvolvendo no aluno a criticidade e a reflexão perante a realidade em que se encontra, mostrando que cada um pode interagir com os conteúdos, pensar sobre eles, pensar sobre o que existe e o que pode ser feito para modificar as estruturas em que muitos se encontram.

Percebi também que a estrutura da escola, do currículo, não depende apenas do recurso que é disponibilizado ao professor mas sim daquilo que ele acredita que pode ser feito ali. A riqueza de materiais e o ambiente farto de recursos (em que diversas escolas particulares se encontram) não é essencial para uma prática de reflexão e afeto. O conteúdo de forma bem aplicada, com a utilização de diferentes recursos só terá um significado real se for trabalhado de modo a fazer sentido, a dar significado para aquilo que é realmente importante para as crianças.

Mais do que ensinar os alunos a manejarem os materiais, a terem uma escrita com letra perfeita, sabendo rapidamente resolver operações difíceis e memorizar toda uma tabela com elementos químicos, a escola precisa ensinar o aluno o manejo das relações humanas, incentivando-os a desejarem

aprender, a fazerem suas escolhas, a respeitarem o outro, a levarem a sério seus direitos e conhecerem suas limitações. Também destaco a necessidade de não serem propostas atividades que levarão o aluno a se sentir fracassado e incapaz. O professor deve conhecer as potencialidades do aluno, deve sim desenvolvê-las, mas com o máximo de cuidado para não bloqueá-las ou valorizar apenas algumas em detrimento de outras. Nesta prática, se torna de fundamental importância levar o aluno a se auto-conhecer, entendendo suas diferentes possibilidades e sabendo que não é igual aos colegas, cada um tem capacidades que são de relevantes no contexto escolar não homogêneo mas com diversidade de saberes.

Não sei quais são as respostas para uma sala de aula que seja permeada afeto mas acredito que para que isto ocorra, o professor precisa abrir espaço para reconhecer o que os alunos trazem, pode propor rodas de conversa, debates a respeito de assuntos que interessem aos alunos. Deve ter uma prática permeada de ludicidade, imaginação, brincadeiras, expressão, teatro, música entre outras coisas. Deve movimentar, instigar a vontade do aluno, o interesse de aprender e para isto, precisa estar próximo deles, conhecer o que é para eles importante, o que tem significado e o que eles necessitam.

Ao realizar este trabalho e analisar os questionários, considero as recorrências encontradas nas escritas dos alunos que serão futuros professores coerentes com uma prática docente em que a afetividade é significativa e importante na prática docente..

Desenvolver as estruturas emocionais, lidar com os desafios e problemas sem estigmatizar preconceitos e rotular defeitos se torna fundamental quando pensamos a sala de aula como um espaço para a troca, a convivência, o respeito, os limites, as regras e as combinações. E mais do que isso, um espaço social, no qual são ensinados valores, princípios e mais do que resultados, os caminhos percorridos são considerados e apreciados e no qual se aprende a lidar com suas ansiedades, medos, alegrias, problemas, desafios.

Por fim, diria que entender o afeto como uma postura na prática diária do professor, impulsiona uma rotina na sala de aula em que sejam trazidas alternativas frente as diferentes situações que surgirem, onde ocorra a busca

de novos caminhos frente às dificuldades e alternativas que aperfeiçoem a troca e a aprendizagem na escola. O professor precisa saber que esta é uma responsabilidade que cabe a ele e deve se comprometer com o trabalho que desempenha, com o grupo que atende e com cada aluno, pessoalmente. Isto pode parecer uma tarefa difícil, desafiadora, e é. No entanto, seu efeito torna melhor e mais descomplicada a relação do professor com os alunos, dos alunos com ele e com os conteúdos que serão propostos.

**REFERENCIAS:**

Becker, Fernando; Marques, Tânia B. I.(orgs). *Ser professor é Ser pesquisador*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

Barroso, M. E. G. - *Dicionário Aurélio Eletrônico - V. 1. 3*, Editora Nova Fronteira, 1994)

Díez, M. Carmen Navarro. *Afetos e emoções no dia-a-dia da educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Fino, Carlos Nogueira. *A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais*. <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf> (consulta em 08/7/2010).

La Taille, Yves de. *Limites: Três dimensões educacionais*. São Paulo: Ática, 1999.

Piaget, Jean. *Inteligencia y afectividad*. Buenos Aires: Aique Grupo editor, 2005.

Fortuna, Tânia Ramos: *Indisciplina escolar: Da compreensão à intervenção*. Xavier, Maria Luiza(org.) *Disciplina na escola*. Porto Alegre: Mediação, 2002.

## **ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

#### **PROJETO DE PESQUISA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE**

**CURSO:** AFETIVIDADE: narrativas de lembranças dos alunos de licenciaturas a respeito da relação com suas primeiras professoras

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Natalie Wondracek

**ORIENTADORA:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Darli Collares

#### **Descrição sucinta do projeto:**

A proposta desta pesquisa consiste em investigar quais são as lembranças-memórias que os alunos de licenciaturas (futuros ou atuais professores) narram sobre sua relação com seus primeiros professores, abordando as questões de afetividade e emoções no dia a dia da escola. Para tal reflexão e posterior análise, é necessária a aplicação de questionário a fim de visualizar as diversas narrativas. Destacamos que os dados coletados manterão preservada a identidade dos participantes ou de toda e qualquer pessoa envolvida na pesquisa a não ser que haja anuência dos mesmos em sua identificação ou se houver co-autoria ou autoria nas ações empreendidas de forma contextualizada na referida pesquisa.

Agradecemos antecipadamente a compreensão de Vossa Senhoria e colocamo-nos à sua disposição para esclarecimentos que se fizerem necessários a qualquer momento da efetivação da presente pesquisa de Mestrado.

## TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, \_\_\_\_\_  
RG \_\_\_\_\_, concordo em participar da pesquisa “AFETIVIDADE: narrativas de lembranças dos alunos de licenciaturas a respeito da relação com suas primeiras professoras”, parte integrante do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da aluna Natalie Wondracek, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Darli Collares. Como depoente, autorizo o uso dos dados do questionário escrito, desde que minha identidade seja preservada.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) participante

**Contatos com a aluna responsável:**

Fone: 99755909

E-mail: [nattywondra@hotmail.com](mailto:nattywondra@hotmail.com)

## **ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO APLICADO**

### **QUESTÕES DE PESQUISA**

**1- Que lembranças você tem da relação com suas/seus primeiras/os professoras/es? Especificar situações/momentos/falas que marcaram e que estão ainda presentes nas lembranças, positivas ou negativas, do começo de sua escolarização.**

**2- Você acha que a universidade tem dado espaço para refletir a respeito do afeto na relação com os alunos?**

**O que você considera de fundamental importância para levar adiante na relação com seus alunos? Abordar as questões de afeto, carinho e acolhimento. (Se já é professor(a), pode falar do que já perpassa sua prática atualmente).**